

A PRAXIS SIMPATÉTICA E A COMPREENSÃO EMPÁTICA



Raul Guimarães Lopes

Introdução

A dificuldade humana no acesso à subjectividade de outra pessoa tem sido um dos problemas cruciais na psicologia fenomenológica. Como entender a constituição e a forma desse acesso?

Jaspers (sd) escrevia no seu livro de Psicopatologia Geral, com base nos primeiros escritos de Husserl, ser possível através da “*Einfühlung*” (intropatia, empatia), da “*Anschauung*” (intuição) e da “*Verständnis*” (compreensão), descrever, delimitar, ordenar e denominar estados anímicos normais ou patológicos.

O termo *Einfühlung* teve origem na Estética ao reflectir sobre a percepção e a compreensão da obra de arte, tal como o filósofo alemão Herder a introduziu pela primeira vez no vocabulário alemão, no século XIX. Theodor Lipps, em 1907, (1966) retomou o termo, aprofundou-o e divulgou-o ainda dentro da reflexão estética, como tentativa de esclarecimento da natureza da vivência perante a obra de arte. Procurava-se elucidar o fenómeno “arte” através da intuição da forma pura. *Einfühlung* era a disposição de imitação interior, não voluntária e referida à cinestesia projectada no outro permitindo melhorar a sua compreensão. Quando a projecção passa do plano psicológico para o estético e se dá no “objecto estético” não há distinção entre o agrado sentido e o que faz agradar.

Para Husserl (Meditações Cartesianas) a *Einfühlung* era “apercepção analogizante” permitindo o significado do que seria percebido se estivesse “lá”, no lugar do outro, dando a possibilidade duma outra perspectiva do mundo.

Brecht reagiu ao conceito, como dramaturgo, a ele se reportando criticamente no âmbito das teorias da alienação.

E. B. Titchner, aluno de W. Wundt, em 1909, empregou o termo em Psicologia através do neologismo “*empathy*”¹, em língua inglesa.

Como tradução do vocábulo alemão *Einfühlung*² foram propostos os termos “intropatia” e, mais tarde, “empatia” - o primeiro usado inicialmente por tradutores franceses, o segundo promovido no espaço da cultura existencial ibérica pelo filósofo espanhol Ortega y Gasset. Ambos foram compostos a partir do vocábulo grego “*pathein*” - com o significado de se afectar ou de sentir - e de “*en*” (ou “*intro*”) - dentro de. Empatia (ou intropatia) equivalerá então, etimologica-

mente, a “penetrar em”, a “sentir dentro de” por meio da projecção afectiva. Mas, para isso, ter-se-á de “conhecer” previamente os possíveis estados de alma alheios e reproduzir em si próprio idêntica³ forma afectiva para a “compreender”.

Há a impossibilidade existencial de sentir o sentimento do Outro e muito menos o que “dentro” dele se passa em todo o seu contexto biográfico, apesar da sintaxe universal entre sentimento (como modo impressivo da afectão) e emoção (como modo expressivo) - podendo todavia tal sintaxe ser sujeita a formas de viciação. O sentimento, qualquer sentimento, na sua profunda verdade é inefável e indizível. Só pode ser compreendido na sua forma intencional.

Em face desta dificuldade, foi tentado conotar o conceito a um outro polo de entendimento, o da neutralidade afectiva. *Neutro*,

etimologicamente é “o que não de um nem de outro”. Uma nova impossibilidade. E mais, essa postura torna-se inumana perante o real sofrimento de outrem⁴.

Também tem vindo a ser usado como sinónimo de “simpatia” - o que, como vamos discutir, é errado.

Posso empatizar com o sofrimento de alguém e, no entanto, nada fazer para o minorar. Em personalidades abnormes pode mesmo dar-se o caso de tirar benefício pessoal de tal sofrimento tendo-o previamente sentido de modo correcto.

Empatia e Sedução

A empatia pode servir como modo preparatório da sedução. Havendo aqui a distinguir a sedução psicológica da sedução existencial tão cara a Kierkegaard que sobre o tema publicou o “Diário do Sedutor”. Seduzir é, etimologicamente, levar a si.

Da parte do sedutor há o conhecimento empírico da alma humana no que ela tem de belo mas também de concupiscente.

Na sedução - do ponto de vista psicológico - a dialética faz-se entre a astúcia e a cupidez. É esta que dá forma ao pensar jurídico comum com a penalização do astuto e a desresponsabilização do cúvido ou, quando a cupidez é demasiado evidente, com a diminuição da pena do astuto.

| | |
|------|--|
| Tese | Desejo (Cupidez, empenho, predilecção, carência) |
|------|--|

¹ Não foi escolhido “impatia” pela atribuição ao prefixo “in” não só da ideia de interioridade mas também de negação, o que iria gerar confusão.

² Na transliteração inglesa será “*feeling-in*”.

³ Mas como saber que é idêntica?

⁴ Kurt Schneider entendeu essa possibilidade em personalidades psicopáticas.

Antítese Satisfação Perene (Astúcia, engenho, talento da apresentação)

Síntese Sedução (levar a si) pelos Meios de Obtenção

O sedutor fala em termos desejáveis, o objecto adquire outras características, há a metamorfose do objecto, a transmutação do simples estar para um desejar, já que ele é formoso, bom, deleituoso, desejável - como nos diz a narração bíblica ao abordar a queda humana.

Na *sedução existencial* a dialética faz-se entre a procura do imortal e a constatação da transiência do presente ou entre o que se é e o que ainda não se chegou a ser.

Tese Transiência do presente

Antítese Procura Humana de Imortalidade

Síntese Temporalidade (intersecção do eterno no tempo)

Modo Simpatético de agir

A expressão do sentir pode ser comparada com algo semelhante em nós observado e assim reconhecida. A linguagem “normaliza” (ou seja, socializa) o sentir. Veja-se a dificuldade do poeta em exprimir por palavras o que sente. E quando as parece encontrar é “fingidor” - como bem o disse Fernando Pessoa no seu poema “Autopsicografia”.

“O poeta é um fingidor, /Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente. / E os que lêem o que escreve, / Na dor lida sentem bem, /Não as duas que ele teve, / Mas só a que eles não têm. (...) (Pessoa, Fernando (1965).Obra Poética, Rio de Janeiro: Aguilar, p.165).

Dizer (verbal, gestual, gráfica ou artisticamente) não é enunciar conceitos, exprimir-se não é anunciar factos, ver ou ouvir não é registar acontecimentos. É, sim, acompanhar existencialmente o que é dito, exprimido, observado, escutado, ao dar-lhes significância no aqui e agora situacional dos intervenientes⁵, no que está “entre” e é a todos comum. Só assim se *cuida* da derelicção humana que, de outro modo, se tornará desespero.

Em psicologia e em psicoterapia existenciais torna-se evidente ao Outro

(o Outro é - no dizer de Paul Ricoeur (1966, p. 166) - “aquele que está face a face, só que sem rosto, o *cada um* de uma distribuição justa”) que, sem excres-

cos, estamos *com ele* (não “dentro dele”) no seu sentir intimamente afectado. Ora, *estar com o Outro no que o afecta* é, de modo simples mas simultaneamente profundo, *simpatia*

(*sym* = com + *pathein* = afecção).

A cinesia simpatética existencial é o movimento para *se sentir-com*, é - *intencionalmente* - com partilhar afectos e afecções com vista à solidariedade humana da ajuda. Decorre da consciência intencional de com-patibilizar tristezas ou alegrias, dores ou regozijos, mágoas ou felicidades.

Daí aprofundar-se em psicologia existencial o *modo simpatético de agir* sendo a empatia tomada no estadiu preliminar da sua possibilidade como compreensão.

Há um outro termo no nosso vocabulário, de origem latina, precisamente com o mesmo sentido etimológico de sim-patia mas com o significado actual de enternecimento, lástima, comiseração, piedade, dó. É o termo “compaixão” (com-paixão < *com-passio*).

O termo “simpatia” tem o conhecido sentido comum de afabilidade, atracção, admiração, inclinação, afinidade⁶.

Conceptualizamos aqui “simpatia” com o preciso sentido existencial do “*estar simpatético para Outro*” ou “*estar-para o Outro no que o afecta*” reveladora da intencionalidade de agir.

Segundo a conveniência contextual, grafamos *simpatia* para enfatizar esse sentido.

Fenomenologia da Simpatia

A simpatia (*latu sensu*) é o fundamento da intersubjectividade, do específico modo de estar quando se afirma a comunalidade “entre” diferentes personalidades.

“Entre” é a pré-posição (preposição) regularizada da postura face ao Outro. “Entre” decorre da espacialidade conjuntural (“através de” diferentes orientações) e da temporalidade processual (“durante” a acção). A pré-posição (“entre”), considerada deste modo, vai envolver a cada instante o que se manifesta na atmosfera relacional.

Assim, será conveniente “pré-posicionarmos” continuamente a questão referida ao “que se está a passar entre nós?” para haver comum entendimento e, logo, comunicação.

Max Scheler (1971) mostra que os fenómenos da compreensão humana e da simpatia não se relacionam com a “resposta emocional imitativa” própria da acep-

⁵ Isto é, dos que “vêm” para o espaço “entre” ambos.

⁶ Como ao dizermos : “O Pedro é simpático” - pois é afável, amável, prestável.

ção original de empatia (intropatia) como *Einführung*. A vida prática corrobora tal asserção. Nunca poderíamos compreender os sentimentos de outrem se não tivéssemos descoberto a sua actualidade ou possibilidade em nós. É verdade que nos descobrimos através do Outro, contudo a empatia não é a génese dessa descoberta mas sim a consequência. O estar-com (*Da-sein*) é prévio à possibilidade empática. É mesmo, em fenomenologia, o seu constituinte. A empatia pela cinética da imitação emocional pode mesmo, segundo Scheler, levar à “confusão de egos” como no caso do contágio e da fusão emocionais. Já na simpatia há reconhecimento do que me faz *mover para* a situação do Outro, acompanhando-a na relação de ajuda.

Apontamento Etológico

A empatia tem no desenvolvimento psicológico animal correlatos percepto-cognitivo-motores outorgantes da aprendizagem social. Esta é instintivamente imitativa.

Advem da necessidade primária de antecipar o comportamento de outros animais vivendo no mesmo sistema ecológico para reagir de modo adequado. Ou ficando na expectativa, ou aproximando-se, ou fugindo, ou atacando, ou escondendo-se, ou afrontando, ou imobilizando-se.

Veja-se o que na savana acontece quando gazelas pastam muito próximo dum grupo de leões dormitando. Mas, uma leoa levanta-se. As gazelas logo interrompem o pasto. E ao mínimo sinal de possível comportamento predador começam a retirar-se do local. Iniciam a corrida desde que interpretem os movimentos das leas como estratégia de caça.

Veja-se um cão que conosco convive. Aprendeu instintivamente a “desaparecer” se nota no dono sinais de mau-humor ou salta-lhe à cara para a lambar se o vê chegar contente.

A aprendizagem empática é no homem distinta dos seus correlatos cognitivos animais, mesmo das suas possibilidades cognitivo-emocionais.

Se bem que a empatia no homem se inicie, como no animal, pela apreensão de índices perceptivos imediatos (é primariamente “cognitiva”) “humaniza-se” pelo prévio conhecimento em si próprio do significado emocional observado em outrem e pela sua intencionalidade valorada. Adquire também outra complexidade nos humanos pela possibilidade de falsificação, simulação ou mesmo de ambivalência dos movimentos expressivos.

Variação Eidética do Fenómeno Simpatia

Podemos distinguir várias modalidades de fenómenos aparentados com a “simpatia”.

Vamos apresentá-los na sua essência, partindo da inicial apresentação de Scheler mas por nós modificada, com vista à sua integração no contexto das estratégias e tarefas existenciárias, isto é, para lhes dar amplitude de cunho fenomenológico-existencial na psicologia da personalidade.

1. Sentir imediato, directo, da dor (ou da alegria) de alguém, mas que também é sua. *Isopatia*⁷.

Afectar-se profundamente, em comum com outrem, com a mesma dor psíquica e noética. O exemplo clássico é o caso dum pai e duma mãe perante o filho morto.

A situação é de dor com o mesmo motivo, com a mesma qualidade funcional de sofrimento e com reacção emocional idêntica em ambos os pais. Tudo é integral e qualitativamente compartilhado.

Em comum só se pode sentir a dor psíquica ou a amargura noética, nunca a dor física.

Tudo o que acontece tem, independentemente das diferenças estruturais básicas da personalidade, a mesma *quali*. Essas estruturas vão ditar o evoluir intrapessoal do acontecimento afectivo.

Exemplificamos com a realidade observada em Clínica.

Após acidente mortal do filho, um dos pais vem a integrar-se pouco a pouco no mundo do viver. Outro modifica radicalmente a sua forma existenciária. Descura os deveres familiares, profissionais, amicais, de lazer, para “viver para o filho”. Constantemente dele fala, recrimina-se dos desejos que não lhe satisfaz, deixa o lugar dele à mesa como o esperasse para comer, todos os dias lhe arruma o quarto, vai à escola falar dele às professoras, todos os dias passa horas junto à sua campá quer chova quer faça sol.

Só após psicoterapia existencial retomou o seu lugar na vida como pessoa aí existente pelo sentido (paradoxal para quem sente directamente) da morte prematura do filho e integração em si do paradoxo - escandaloso para a razão e para o coração.

O termo “*isopatia*” designa, de acordo com a primeira modalidade acima referida, “sentir-com” mas sempre de modo imediato e directo, pois desde a génese à essência do sofrimento tudo se iguala. Há, sob este conceito, isomorfismo afectivo. As diferenças na expressão formal e nas consequências devem-se ao modo de ser pessoal.

⁷ O neologismo *isopatia* - formado pelo prefixo *iso* (igual) + *patia* - não se presta a confusões com a semelhança do termo *homeopatia* (*homeo* – similar) usado nas medicinas alternativas.

2. “Tomar parte”, partilhar a alegria ou a dor de outrem, partilhar sentimentos. *Simpatia*, propriamente dita.

A simpatia implica a *intenção* de ressentir o que o outro está a sentir. Recria em si, de modo activo, o sentir de alguém para si significativo.

Posso interpretar correctamente a dor ou a alegria de alguém, posso mesmo “representá-las” em mim mas, sem a intenção de as ressentir, não há *sim-patia*. Kierkegaard, em texto que já transcrevemos, disse que “o psicólogo recria em si próprio todo o sentimento, todo o estado de ânimo que descobre no outro”.

A dor dum amigo quando ressentida por mim, quando recriada intimamente em mim torna-se fenómeno sim-patético. Ao contrário do exemplo anterior há dois estados psíquicos separados e distintos um do outro e com diferentes funções.

É este o sentido bíblico de “chorar” com os que choram, de “rir” com os que riem. Aqui há movimento emocional no mesmo sentido, há *comoção*, intimamente vivenciada por que intencional. Estamos no domínio da subjectividade o que torna difícil ao observador “objectivo” distinguir a verdadeira simpatia do contágio emotivo.

Exercício:

Interprete neste contexto as anteriores estrofes do poema de Fernando Pessoa.

Se distinguirmos a alegria-sentimento da alegria-emoção e a tristeza-sentimento da tristeza-emoção estamos aptos a compreender a falsidade sim-patética sinal de inautenticidade pessoal referida ao mundo das emoções.

Recebe-se um presente que não se aprecia e finge-se ter gostado muito face a quem o deu.

O actor num *sketch* de infortúnio é “a máscara corporal” de tristeza mas não está triste.

Para Sartre (1948, p.40) falsas emoções (como as anteriores) “só são condutas”.

Partilhar sentimentos pela compreensão existencial do seu sentido é abissalmente distinto do contágio emotivo que poderá ser tomado por “simpatia” sem nunca o ter sido. Quer o contágio emotivo quer a fusão emocional emanam dum outro fenómeno, o da “identificação”.

3. Contágio emotivo

Aqui já não se pode falar de simpatia. É o caso da alegria contagiante numa festa ou da tristeza num funeral. O riso e o choro podem ser aí meras manifestações

de reactividade emotiva ao contorno, como no caso de nem sequer conhecermos as pessoas que o apresentam. Podemos não chegar a compreender *para nós* o motivo por que rimos ou choramos. Não há *intenção afectiva* face à alegria e tristeza *externas a nós* nem sequer participação vivencial. Tudo se passa à superfície expressiva da aprendida ressonância dos afectos.

O contágio emotivo – a par de meios sugestivos desencadeantes - é usado na “animação” de massas para gerar “movimento emotivo” com objectivo pré-definido, como por exemplo, de “luta” política, cultural, clubística. Ou em grupúsculos religiosos para finalidades muitas vezes nada consentâneas com o íntimo aperfeiçoamento pessoal (próprio do verdadeiro espírito religioso).

Como fenómeno psicopatológico decorre da labilidade afectiva própria de afecções que descoordinam os ritmos vitais próprios com perda das fronteiras da emotividade do *proprium*.

4. Fusão emocional.

É fenómeno extremo de contágio emotivo em que há total “identificação” com o querer de outrem que se mantém estranho. É paradoxalmente uma “identificação passiva” pela ausência de crítica ao que está em nós a ocorrer mesmo que lesivo dos nossos interesses e valores.

É o caso da relação hipnotizador/ hipnotizado, de episódios histeriformes colectivos, de induções místico-religiosas, de comportamentos de povos “primitivos”. Também acontece em dada fase do desenvolvimento afectivo da criança.

A sugestionabilidade fácil como característica pessoal ou facilitada pelo ambiente pode explicar este fenómeno.

Empatia na Actualidade

Convém, contudo, referir que o conceito de “empatia” tem vindo a modificar-se por pressão da reflexão existencial. Carl Rogers, por exemplo, definiu-a inicialmente⁸ do seguinte modo:

“O estado empático ou ser empático consiste em aperceber-se com precisão do quadro de referências interno de outra pessoa juntamente com os componentes emocionais e os significados a ele pertencentes, como se fôssemos a outra pessoa, sem perder jamais a condição “como se”. Portanto, significa sentir as mágoas e as alegrias do outro como ele próprio as sente e perceber as suas causas como ele próprio

⁸ Reportando-se, segundo diz, a 1959.

as percebe sem, contudo, perder a noção de que é “como se” estivessemos magoados ou alegres, e assim por diante. Se perdermos esta condição de “como se” teremos um estado de identificação” (Rogers, 1977).

Assim definida a empatia mantém-se no horizonte vivencial da *Einfühlung*. Mesmo na “correção” de 1975 desta definição, tendo mudado a ideia de “estado” para a de processo, Rogers continua preso à ideia “dentro de”. Refere que a empatia tem várias facetas, como a de “penetrar no mundo perceptual do outro e sentir-se totalmente à vontade dentro dele ...” ou, em relação à pessoa, “mover-se delicadamente dentro dela ...”. Contudo, Rogers (1977, p.73) mantém-se fiel à ideia de “transmitir a maneira como se sente o mundo do outro ...”. É o Outro a avaliar essa reformulação empática.

Podemos acreditar estar a entender afectivamente o Outro e isso não acontecer. Convirá sempre permitir a quem padece manifestar a concordância ou discordância com o que lhe transmitimos.

Ver o Outro através da sua própria perspectiva será sempre pretensão inconclusa já que não é possível replicarmos as experiências de vida de quem quer que seja e daí não poder haver decalque vivencial - como se pretende da laicização da empatia aceite sem crítica. Em vez de “empatia” seria melhor empregar-se “sentir-com”.

O sentir-com face à empatia perde em ambição e ganha em comunicação, perde em abstracção e ganha em autenticidade.

Ao transpor a procura (sem teorizações apriorísticas) do conhecimento sentido do Outro para a prática da ajuda damos mais um passo no caminho da nossa tarefa existencial. Só intuimos a essência dessa prática com a pessoa quando - após termos pretendido colocar-nos na posição do Outro (v. p. Positus), em pretendermos entender a intimidade das suas atitudes e comportamentos, a sua própria perspectiva de ver o mundo - encontrarmos no *agir* a verdade. A verdade que diz respeito a ambos na relação dialética do cuidar e do sentir-se cuidado.

Síntese Comparativa entre Empatia e Simpatia

Alguns dos conceitos expressos serão aclarados na continuidade deste Capítulo sobre as Tarefas existenciais.

| EMPATIA | SIMPATIA |
|-----------------------------------|-------------------------------------|
| como se fosse | como é |
| gênese cognitiva | gênese valorativa |
| em 1º plano: a consciência de mim | em 1º plano: a consciência do Outro |
| substituo-me ao outro | sou para o Outro |
| há distanciação | há aproximação |
| há interpretação | há apropriação |
| o outro é um ele | o Outro é o Tu |

Pela anterior síntese verifica-se claramente o movimento da empatia para a simpatia.

Verificamos, igualmente, ser a simpatia distinta da empatia se bem que é com ela que se anuncia. Essa diferenciação dá-se por entrar em acção um outro componente, o amor - em qualquer uma das suas formas, mas usualmente como *philia*, como amizade.

Como na antipatia entra o ódio.

Conclusão

Concluindo, diremos serem os elementos constitutivos da simpatia em essência

a *philia* - valorizando,

o “estar-para” - predispondo ao agir,

o cuidado - actuante na perspectiva do *pathos* pessoal.

Ora, é precisamente no seio do agir com sentido (con-sentido) que o valor da sim-patia⁹ se manifesta como dádiva. Essa *praxis* é obra de Amor.

Estamos então, quanto a nós, no âmago do processo transformacional terapêutico.

Referências Bibliográficas

Lipps, Theodor (1966). *Empathy, Inner Imitation, and Sense-Feelings in A Modern Book of Esthetics*, ed. Melvin Rader. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Ricoeur, Paul (1966). *Leituras 2*, S. Paulo: Edições Loyola

Rogers, Carl R. (1977). *Uma maneira negligenciada de ser: a maneira empática*, in *A Pessoa Como Centro*, Carl R. Rogers & Rachel L. Rosenberg, S. Paulo: E.P.U. .

Sartre, J. P. (1948), *Esquisse d'une Théorie des Emotions* (3.e Ed.). Paris: Hermann.

Scheler, M. (1993). *Morte e Sobrevivência*. Lisboa: Edições 70.

⁹ A sim-patia pelo seu étimo leva-nos a abordar um dos temas antropológico-existenciais mais importantes, o do “*pathos*” humano.